

CAUSA – CAUSALIDADE

A categoria de causa e efeito - ou causalidade e dependência - corresponde à função lógica hipotética dos juízos: se p , então q (KrV, A 70, B 95). Essa correspondência pode ser entendida como uma aplicação da relação condicional lógica em uma estrutura temporal em que se dá a apresentação de objetos reais. Nesse sentido, o esquema da causa e da causalidade “é o real que, uma vez posto, sempre é seguido por algo mais” (KrV, A 144, B 183). Na mesma passagem, Kant nos diz que se trata “da sucessão do múltiplo na medida em que está sujeito a uma regra” (KrV, A 144, B 183). “Sucessão” e “regra” são certamente os termos centrais para o entendimento do conceito no sistema de Kant.

Kant pensa a causalidade como a determinação por uma regra da sequência temporal dos fenômenos. Essa determinação se expressa em um princípio puro do entendimento, a “Segunda Analogia da Experiência”. Cada um dos princípios puros do entendimento chamados de “Analogias da Experiência” trata da determinação objetiva de um dos aspectos da ordem do tempo, sendo eles: permanência, sucessão e simultaneidade. Na primeira edição da *Crítica da Razão Pura*, a Segunda Analogia, que diz respeito à determinação objetiva da sucessão temporal por uma regra, foi formulada de uma forma que evidenciava o ponto: “Tudo que acontece (começa a ser) pressupõe algo a que se segue de acordo com uma regra” (KrV, A 189). Na segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, a formulação é um tanto mais vaga nesse aspecto: “Todas as alterações ocorrem de acordo com a lei da conexão de causa e efeito” (KrV, B 232). A exposição que se segue acompanha os argumentos apresentados por Kant na prova da Segunda Analogia.

Alterações de uma substância, para Kant, são justamente tudo aquilo que acontece ou começa a ser, ou seja, as sequências temporais que nos aparecem. A própria substância, para Kant, em sentido primário, não surge ou perece; é a matéria que permanece. Segundo o filósofo, seria impossível percebermos um tempo t_1 vazio, seguido de um tempo t_2 preenchido por um fenômeno. O que perceberíamos, relativamente a sucessões temporais, seria sempre um tempo t_1 , em que uma determinação de uma substância (no caso, da matéria) não existe, e um tempo t_2 , em que a referida determinação da matéria existe. Note-se que, em t_1 e t_2 , temos a presença de algo que persiste, justamente, a substância. Daí que sucessões temporais sejam sempre a mudança de estados de uma substância, isto é, a alteração, que é uma sucessão de ser e não ser das determinações de uma substância que, por sua vez, permanece.

Mas por que as alterações precisariam sempre ocorrer de acordo com conexões de causa e efeito? Ora, alterações, como sucessões de estados de um objeto, precisam ser distintas da su-

cessão subjetiva de percepções na mente do observador. Ocorre que o fluxo subjetivo de percepções é sempre uma sequência de percepções, mesmo quando percebemos estados simultâneos ou a permanência de um objeto. A verdadeira pergunta é, então, como sabemos que estamos percebendo uma alteração no objeto se a forma de nossa percepção é sempre uma sucessão. A resposta de Kant é que o conhecimento de uma sucessão como alteração só é possível se aplicamos a categoria de causa e efeito. A causalidade determina uma sucessão como alteração.

Mas, disso, não se deve entender que os próprios estados do objeto estão em relação de causa e efeito. Isso nos levaria a afirmações absurdas. Por exemplo, se um corpo se altera da saúde para a doença, teríamos que dizer que a saúde causou a doença. Em vez disso, deve-se entender que a passagem da saúde para a doença foi determinada como uma alteração de estados de um corpo, porque foi considerada como o efeito de alguma outra alteração. Assim, cada alteração é um evento e a relação de causa e efeito é tida por uma conexão necessária entre eventos.

Do que foi dito acima, se segue que temos em vista, na verdade, duas sucessões objetivas. Uma é a sucessão de estados do objeto que caracteriza sua alteração, ou um evento. A outra é a sucessão de eventos que caracteriza a relação de causa e efeito. A última é uma relação na ordem do tempo, que nem sempre corresponde a uma sucessão no transcorrer do tempo. Por exemplo, se uma esfera pesada é pousada em uma almofada, a concavidade na almofada, que é o efeito desse ato, é simultânea ao ato. Mas, na ordem do tempo, há uma sucessão entre os dois eventos: o ato de pousar a esfera é a condição do surgimento da concavidade na almofada. Na verdade, a relação de causa e efeito sempre contém alguma simultaneidade entre os eventos, porque, se o evento causa tivesse cessado por completo de existir antes do surgimento do evento efeito, então ele não poderia ter causado aquele efeito.

O que é mais importante, de toda forma, é a compreensão da relação entre a sucessão dos eventos causa e efeito na ordem do tempo e a sucessão de estados em cada evento no decorrer do tempo. A ordem dos estados que compõem uma determinada alteração no objeto não é aleatória, ou seja, não poderia ser revertida em nossa percepção, que é sempre sucessiva, porque a relação de causa e efeito determina que, uma vez posto o evento causa, o evento efeito se segue necessariamente dele, ou seja, não poderia se seguir o seu inverso. É assim que se poderia entender tanto que toda alteração ocorre de acordo com conexões de causa e efeito, como é dito na segunda edição da primeira *Crítica*, quanto que tudo que começa a ser, o que equivale a toda alteração, pressupõe algo a que se segue de acordo com uma regra, como é dito na primeira edição.

Esse é o famoso princípio *Todo-Evento-Alguma-Causa*. Se entendermos que o evento efeito se segue necessariamente do evento causa, no sentido em que todas as instâncias daquele tipo de evento causa são seguidas por instâncias daquele tipo de evento efeito, então podemos dizer que, para Kant, o princípio *Todo-Evento-Alguma-Causa* envolve o princípio *Mesmas-Causas-Mesmos-Efeitos*. Mas há interpretes que entendem que o segundo princípio só é defendido por Kant no âmbito da sistematização das leis empíricas pela razão, na própria *Crítica da Razão Pura*, ou pela faculdade do juízo, na terceira *Crítica*.

Seja lá como for, é patente que Kant não entende a causalidade como uma propriedade ontológica das substâncias, uma força ou poder, e tampouco como um princípio analítico ou auto-evidente. Seguindo a tradição de Hume, Kant entende que a causalidade não possa ser simplesmente descoberta nos objetos empíricos ou demonstrável como uma relação lógica. Mas, antes de aceitar as conclusões de Hume a respeito do significado empírico de uma relação causal, como visto, Kant procura fazer a própria objetividade de um importante aspecto de nossa experiência - as alterações observáveis - repousar sobre a pressuposição da validade do princípio causal, não observável no mesmo sentido.

RESUMO: A teoria do conhecimento moderna é marcada por investigações filosóficas sobre a natureza da causa/causalidade. Immanuel Kant prestou uma das principais contribuições a esse debate. Este trabalho sumariza brevemente a sua teoria da causa/causalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Kant. Causa - Causalidade. Crítica da Razão Pura. Teoria do Conhecimento.

ABSTRACT: Modern theory of knowledge is marked by philosophical inquiries on the nature of cause/causality. Immanuel Kant provided one of the major contributions to that debate. This work outlines his theory of cause/causality briefly.

KEYWORDS: Kant. Cause - Causality. Critique of Pure Reason. Theory of knowledge

REFERÊNCIAS / REFERENCES

ALLISON, H. *Custom and Reason in Hume: A Kantian Reading of the First Book of the Treatise*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ALLISON, H. *Kant's Transcendental Idealism, revised and enlarged edition*. New Haven: Yale University Press, 2004.

ALLISON, H. "Transcendental Affinity, Kant's Answer to Hume". In: BECK, Lewis White (Ed.). *Proceedings of the Third International Kant Congress*. University of Rochester, 1970, pp. 203-211.

BECK, L. W. *Essays on Kant and Hume*. New Haven and London : Yale University Press, 1978.

BECK, L. W. "The Second Analogy and the Principle of Indeterminacy", *Kant Studien*, v. 57, 1966, p. 199-205.

BUCHDAHL, G. *Metaphysics and the Philosophy of Science*. Oxford: Basil Blackwell, 1969.

BUCHDAHL, G. "The Conception of Lawlikeness in Kant's Philosophy of Science". In: BECK, Lewis White (Ed.). *Kant's Theory of Knowledge*. Dordrecht: Reidel, 1974, pp. 128-150.

DE PIERRIS, G.; FRIEDMAN, M. "Kant and Hume on Causality", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2013 Edition). ZALTA, E. N. (Ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/win2013/entries/kant-hume-causality/>>. Acessado em 23 de setembro de 2016.

FAGGION, A. "O problema da causalidade à luz do naturalismo de Hume e do criticismo de Kant". In: KLEIN, J. T. (Org.). *Comentários às Obras de Kant: Crítica da Razão Pura*. Florianópolis: Nefipo, 2012, pp. 343-414.

FELDHAUS, C. "Kant e Hume acerca da causalidade: a interpretação de Eric Watkins e seus críticos". In: L. H. de A., Dutra; Luz, A. M. *Temas de filosofia do conhecimento*. Florianópolis: NEL/UFSC, v. 11, pp. 235-247.

- FRIEDMAN, M. "Causal Laws and the Foundations of Natural Science". In GUYER, P. (Ed.), *The Cambridge Companion to Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp. 161–199.
- FRIEDMAN, M. *Kant and the Exact Sciences*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992.
- FRIEDMAN, M. *Kant's Construction of Nature: A Reading of the Metaphysical Foundations of Natural Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- GUYER, P. *Kant and the Claims of Knowledge*. Cambridge : Cambridge University Press, 1987.
- GUYER, P. "Kant's Second Analogy: objects, events and causal laws". In: KITCHER, P. (Ed.). *Kant's Critique of Pure Reason: critical essays*. Lanham, Boulder, New York, Oxford : Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 1998, pp. 117-144.
- GUYER, P. *Knowledge, Reason and Taste: Kant's response to Hume*. Princeton and Oxford : Princeton University Press, 2008.
- KANT, I. *Kant's Gesammelte Schriften*. Berlin und Leipzig : Walter de Gruyter & Co., 1926.
- LONGUENESSE, B. *Kant on the Human Standpoint*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MELNICK, A. *Kant's Analogies of Experience*. Chicago: University of Chicago Press, 1973.
- VAN CLEVE, J. "Four Recent Interpretations of Kant's Second Analogy". *Kant-Studien*, 1973 64: 69–87.
- WATKINS, E. *Kant and the Metaphysics of Causality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- WOLFF, R. P. "Kant's Debt to Hume via Beattie," *Journal of the History of Ideas*, 1960, 21: 117–123.